

/ Quatro Gigantes /

*Camões, Garrett,
Camilo e Eça*

RAMALHO ORTIGÃO



ESFERA DO CAOS
EDITORES

/ Título /

Quatro Gigantes:
Camões, Garrett, Camilo e Eça

/ Autor /

Ramalho Ortigão

/ Direitos Reservados /
para Actualizações Ortográficas

© Esfera do Caos Editores Lda

/ Design /

Flukstudio

/ Impressão e Acabamento /

Papelmunde SMG Lda

/ Depósito Legal /

XXXX

/ ISBN /

989-8025-05-0

1ª Edição

2006

ESFERA DO CAOS EDITORES LDA

Campo Grande
Apartado 52199
1721-501 Lisboa
esfera.do.caos@netvisao.pt

/ ÍNDICE /

Camões

Luís de Camões: A Renascença e «Os Lusíadas» 9

APÊNDICE: CARTA DE LUÍS DE CAMÕES 72

Garrett

Almeida Garrett 77

Camilo

Camilo Castelo Branco

O seu ambiente social | A sua estética | A sua crítica

A sua forma literária | O seu temperamento artístico 83

Eça

Carta a D. Guiomar Torrezão 113

Carta ao Dr. Eduardo Burnay 121

Na inauguração do monumento 125

£çá

/ Carta a D. Guiomar Torrezão /

/ **E**ça de Queiroz, minha senhora, é essencialmente, molecularmente – desde a medula dos ossos até os poros da pele –, o que se chama *um artista*.

Como não pretendo desclassificar nem desanimar ninguém, não oporei objecção a que haja na sociedade de que fazemos parte mais um ou dois contribuintes da casta deste meu compadre e amigo. Ao todo serão... perdão... ao todo sereis – três artistas em Portugal.

Temos pois no país três particulares, cuja biografia não pode, como a do resto dos cidadãos portugueses, resumir-se em quatro palavras: bom esposo, bom pai, bom bombeiro voluntário e bom notável escritor.

Um artista é o que existe de mais delicadamente complexo, de mais subtilmente compósito na escala dos seres. A sua natureza provém – por hereditariedades, por atavismos, por coesão magnética, por outras forças cósmicas por enquanto desconhecidas –, de várias naturezas diversas: anjo, mulher linda, mulher velha, sibarita, herói, libertino e santo.

Lombroso, o infável Lombroso, é de opinião que todo o grande artista – e todos os verdadeiros artistas são grandes – é um nevropata; que nos elementos componentes do génio entra uma ponta de degeneração; e que é muito bom ter na família duas tias corcundas, como a linda Maria de Bashkirtseff, colega

de V. Exa., para o fim de se fazer na arte alguma coisa em termos. Eu pendo com entusiasmo para a doutrina do ilustre sábio a que tenho a honra de me referir, porque nada me aconchega mais do que essa benta ideia de que a minha falta de jeito é a rica saúde a aboborar em mim, a obra da natureza a acalantar-me para a sossega, com a ajuda da coluna vertebral de minhas tias.

Parece-me todavia conveniente não confundirmos a doença da arte com a doença da escrita.

A doença da escrita, a escritomania, o *mal d'écrire*, como lhe chamam em França, ataca indistintamente toda a gente, sem diferença de idade, nem de sexo, nem de caligrafia, nem de coisa nenhuma – pessoas vacinadas e por vacinar, livres do recrutamento ou ainda sujeitas ao tributo de sangue, com folha corrida ou sem haverem corrido essa folha, são como são, doentes como doentes, em maca, ou pelo seu pé. É a grande epidemia cerebral do nosso fim de século, caracterizada pelas hemoptises da tinta, pelo vômito negro da prosa. E o grande horror deste contágio, é que o contaminado engorda na mesma peçonha que destila, e, maçando em tão prodigiosa maneira os outros, nem morre, como tanto seria para desejar, nem sequer sofre nada ele mesmo; antes se tem notado, com estupefacção, que quem pior escreve melhor passa!

Do morbo artístico só os artistas padecem, só dele os artistas morrem, por fadiga, por desânimo ou por tédio; e – que a esse mal se chame inspiração, génio, nevrose, corcunda, abcesso –, dele resulta para a humanidade entristecida do nosso tempo, a pura, a doce, a balsâmica, a divina seiva do encanto.

Nos artistas da frase é pelo estilo que o encanto se revela. Muitos sábios e todos os estéticos nos têm dito, de cadeira, o que é o *estilo*. Ei-lo que aqui vai rabeando, por aqui fora!... Ei-lo que aqui se acha enconchado, aqui assim!... Eu olho, arregalado, para o ponto indigitado pelos mestres. Vejo muito bem o dedo da crítica, indicativo e de unha suja, vibrante no vago; mas

enquanto ao preceito por que eu me governe para vir a ter esse *estilo*, nunca o enxerguei!

Que mágicos filtros entornam no tinteiro aqueles que de uma penada, à discrição do seu capricho, fazem com que a tinta baile, cante, soluce ou arqueje no mistério da linha escrita!

Decompomos essa partícula sagrada, em que tão intensamente palpita o sangue, a alma e a divindade daquele que a consagrou, e o que se acha no fundo da retorta é um corriqueiro verbo, um lagalhê de um substantivo, um adjetivo de má fama!

E é com tais elementos alinhados uns pelos outros, este para diante, aquele para trás, o outro para o meio, ou vice-versa, que o da rabeça sobe ao tablado, e desfia a ária dolente e láctea, evolada por entre mirtos numa trepidante languidez de luar, a barcarola de que fica pensativa e pálida a mulher que a ouve, o *couplet* petulante que obriga o juízo a polcar, ou o tremendo *dies-irae*, que faz estremecer e desmaiar a consciência de cada um.

Duro de dizer, minha senhora, que é unicamente levado por essa tão simples cantiga de verbo, sujeito e caso, que um homem temente a Deus, dono de casa, chefe de família, funcionário zeloso, chega atrasado à repartição, esquece a família, não se importa com a casa, põe Deus de banda, para se encanzinar na leitura, para seguir ansioso, embevecido, ébrio, desnoitado, através de quinhentas páginas, de vinte mil linhas, de duzentas mil palavras, de dez milhões de letras, os gestos, as ideias, as acções, os estados de alma, ou as disposições de nervos de um janota pulha como o primo Basílio, de um erotómano tonsurado como o Padre Amaro, de uma dama equívoca como Maria Eduarda, ou de um conselheiro besta como o conselheiro Acácio.

Este especial poder de expressão, independente de todos os cânones de vernaculidade e de pureza filológica é talvez o mais raro dom da inteligência. Em França, onde tão numerosos são os escritores científicos deste século, contam-se três ou quatro estilistas apenas: Chateaubriand, Michelet, Flaubert, Gautier... Não

são todos os outros mais ou menos engenhosos artífices, imitadores eruditos, complicadores astutos e casuísticos desses modelos capitais? Entre os literatos portugueses do nosso tempo foi António Feliciano de Castilho quem, depois de Filinto Elísio, dispôs de mais copioso vocabulário, de mais vernáculos modismos, de mais variados giros de locução portuguesa; e todavia Castilho não é propriamente um escritor de estilo. Os modernos estilistas em Portugal são Garrett, Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz.

Nos intervalos silenciosos em que o meu matelote e amigo, a exemplo talvez do pintor Van Eick, põe ao sol a sua tinta em descanso, para que ela se embeba de luz, não tenho visto de entre os novos, apesar do considerável talento com que alguns deles se assinalam, aquele que há-de continuar ou substituir na arte de escrever o luminoso e penetrante artista do *Crime do Padre Amaro*.

Vieram recentemente os *simbólicos*; e em vão, minha senhora, procuraria eu, em acintosa homenagem aos do meu tempo, diminuir a profunda simpatia que me atrai para estes moços subversivos e arcaicos. A minha amiga Sarah Bernhardt, fazendo-me almoçar um dia com Edmond Haraucourt, tinha-me dito: «É um dos *hidropatas* do Quai Saint-Michel, os quais, com uma encantadora poesia, trazem uma nova estética, destinada a arrasar aquela com que até agora nos governámos». Os *simbólicos* ou os *nefelibatas* – porque parece ser este o nome que mais lhes pegou – são em Portugal os portadores da nova fórmula, a que a minha ilustre amiga se referia. Distingue esses cativantes rapazes um delicado sentimento novo da melodia e da orquestração literária, um escrupuloso propósito de não tocar senão o lado inédito das coisas, um culto fervoroso e sagrado da forma lendária, idealista e hierática, à Wagner e à Puvis de Chavannes, e um ideal de misticismo, requintadamente aristocrático, de soberano e magnífico desprezo por todas as snóbicas predilecções consagradas do vulgo moderno. O conde Miguel Prozor, o

fino crítico da obra de Ibsen, diz-me que lê estes nossos poetas com a prosódia latina; e no seu delicado ouvido de literato russo, altamente instruído, a nossa língua, assim manejada, confunde-se, como nenhum outro idioma vivo, com a língua de Tertuliano, de Apúlio, de Santo Agostinho e de Petrônio. Além da diferença que estes predicados constituem, os *simbólicos* distinguem-se ainda – o que não é indiferente à sociabilidade entre pessoas aperfeiçoadas – pela circunstância de terem maneiras, de não considerarem o trato das escovas incompatível com o das musas, e de saberem vestir-se – o que lhes acarretará dissabores. *Cura cutem* é um perigoso conselho para os que se dedicam às letras na sociedade de Lisboa. Não abuseis do sabão! – aconselharei eu – porque são muitos os que na literatura e na crítica cultivam de profissão o género cochino, e o sugerido abuso vos malquistará com eles. Temerários e inexperientes, os moços bem educados me objectarão que todo o homem civilizado contrai com os seus semelhantes a obrigação de zelar tão escrupulosamente a sua *toilette* como a sua conduta. Ilusão! pura ilusão, meus filhos! Se Herculano passasse no Chiado, uma vez por semestre, com sapatos bem envernizados e uma sobrecasaca bem feita, um monóculo no olho e um charuto nos dentes, ninguém o teria levado em morto para o panteão dos Jerónimos. Pregavam-lha, como ao desventurado Garrett, condenado, por elegante que foi, ao *tête-à-tête* marmóreo com uma *cabotine*, no pátio de Dona Maria. Enorme, irreparável erro na carreira literária o do mínimo pendor para o dandismo, porque em verdade vos digo, ó jovens, que o que na Baixa tira o sono aos Césares não são os louros, são as gravatas dos Alexandres.

Os simbólicos, com todos os seus méritos e todos os seus títulos à minha afeição, têm porém um código, têm um formulário, cingem-se a uma poética, governam-se por um contraponto, de que eles mesmos dão o preceito e a aplicação da regra.

No meu grande amigo e compadre a forma da frase é irreduzível a toda a preceituação técnica. Ele mesmo tem do seu pro-

cesso a inconsciência mais completa. Como é que o meu amigo compreende o labor da escrita? Lançando ao papel o primeiro jorro de tinta, que ninguém tem mais fácil, mais abundante, mais caudaloso e mais rápido; fazendo imprimir tudo; e em seguida, sobre os granéis, na letra impressa, com um zelo de penitente, estimulado até o mais agudo paroxismo da dor, remanipulando frase por frase, vírgula por vírgula, palavra por palavra, sílaba por sílaba, até que a escrita se converta no espelho límpido e fiel da emoção assimilada pelo seu temperamento, da vibratibilidade mais rara, da sonoridade mais prodigiosa.

Como nada é mais doce ao pérfido coração humano do que o aniquilamento das coisas que com mais inveja se admiraram, muitos pincham agora de satisfação dizendo-nos que acabou o *naturalismo*, de que o meu amigo foi o porta-voz em Portugal. Boa novidade! também o Sr. D. João VI morreu, mas escusam os críticos modernos de se dar ares, porque não foram eles que o mataram. O naturalismo findou simplesmente porque os homens de génio por quem ele foi cultivado o subiram à mais alta perfeição que pode atingir a forma. Mas quem primeiro nos anunciou que o naturalismo morrera para a arte foi o mesmo autor do *Primo Basílio*, indo buscar ao *Flos Sanctorum* e aos Bolandistas, ao simbolismo das lendas cristãs, ao maravilhoso dos hagiólogos, ao iluminismo dos Fra-Angélicos e dos Memlings a inspiração do seu novo livro sobre a vida de S. Cristóvão.

Superiormente instruído, versado em todas as coisas do espírito, equilibrado por uma alta cultura, de que ainda ninguém deu fé porque ele se empenha em ocultá-la sob uma superficialidade de *clubman*, por um fino requinte de mundanismo e de bom-tom, Eça de Queiroz reúne todas as capacidades da inteligência ao incomparável poder de expressão literária e de análise psicológica, que fez dele no mundo um dos primeiros romancistas do século.

Mas o encanto da obra de arte não é senão uma parte relativamente mínima no encanto total, que é o apanágio do perfeito

artista. Por isso, em Eça de Queiroz, eu prezo, ainda mais do que o eminente homem de letras, o homem de coração terno e de imaculado carácter que nele se conjunta, o alegre compadre, o jovial companheiro, o elegante conviva, o primoroso camarada, o leal amigo.

A V. Exa., minha senhora, agradeço ter-me proporcionado mais um ensejo de exprimir publicamente a minha opinião a respeito de um literato, cujo talento é uma das mais puras glórias da sua pátria, e cuja fraterna e inalterável amizade da vida inteira tem sido para mim uma consolação, uma força, um orgulho, e o prémio — único mas incomparável — que me deram as letras.

Lisboa, 29 de Março de 1892